



## **Enquadramento Jornalístico: enxergando a favela pelos olhos da mídia<sup>1</sup>**

Mariana Nogueira Henriques<sup>2</sup>  
Marina Martinuzzi Castilho<sup>3</sup>  
Ada Cristina Machado da Silveira<sup>4</sup>  
Isabel Padilha Guimarães<sup>5</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria, RS

### **Resumo**

O presente trabalho consta de um estudo sobre enquadramento jornalístico a partir de reportagens veiculadas pelas revistas *Época*, *Istoé* e *Veja*, no período de 2006 a 2008. O objetivo é analisar o discurso utilizado pela mídia para relatar acontecimentos relacionados às favelas no Rio de Janeiro, no período referido e a forma como os veículos tratam o seu morador e o seu cotidiano. Teve como principal conclusão, que a favela, na maioria das vezes, é estigmatizada pelos profissionais da mídia como centro de violência e tráfico.

**Palavras-Chave:** enquadramento jornalístico; mídias; análise de discurso; violência; favela.

### **1 Introdução**

Diariamente somos expostos a um grande volume de informações concomitantemente, em noticiários televisivos, jornais, revistas e nas mais diversas mídias. A forma como o leitor reage às mesmas, vai depender de seu conhecimento prévio, visão de mundo e nível sócio cultural. Porém, outro fator que interfere nesta interpretação dos fatos, é a presença da opinião subliminar da mídia, que faz uso do discurso e de técnicas de enquadramento para direcionar o entendimento da mensagem de acordo com seus próprios interesses, seguindo padrões determinados por cada veículo, através da sua linha editorial e da forma de enquadrar os fatos, tanto por parte do veículo, quanto do próprio jornalista. Neste sentido, o papel da mídia passa a ser de intermediário entre os fatos e o leitor, que começa a interpretar o mundo conforme o que lê ou o que vê.

Atualmente, pela grande influência exercida, já que os meios de comunicação chegam aos mais diferentes locais e públicos, a mídia é considerada como formadora de opinião.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: marianahsm@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Jornalismo da UFSM, email: mari.castilho@gmail.com

<sup>4</sup> Professora orientadora e coordenadora do grupo de pesquisa Brasil mostra tua cara: Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística de periferia, email: ada.machado@pq.cnpq.br

<sup>5</sup> Bolsista de estágio pós-doutoral e co-orientadora, email: isabelpadilha@yahoo.com.br



Alguns autores já a denominam o “quarto poder”, junto aos outros 3, Legislativo, Executivo e Judiciário, pela força que possui.

Neste trabalho, será tratado o enquadramento jornalístico, através da análise de reportagens veiculadas nas revistas Istoé, Época e Veja dos anos de 2006 a 2008, de acontecimentos relacionados às favelas no Rio de Janeiro, demonstrando a forma de discurso através da linguagem, das metáforas, das imagens e da maneira como os veículos retratam a favela, o morador e seu cotidiano. A pesquisa valeu-se dos pensamentos dos teóricos Erving Goffman, Marcela Dantas, Márcia Maria da Cruz, Alba Zaluar, entre outros.

Este artigo é um dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo de pesquisa “Brasil mostra tua cara: Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística de periferias”, sob a coordenação da professora doutora Ada Cristina Machado Silveira, dando início aos estudos sobre a periferia metropolitana.

## **2 Enquadramento: o “olhar” anterior ao que se vai ler**

Sabendo que não existem mídias isentas de ideologias e opiniões, elas aparecem com determinadas características, formatos, textos, conceitos, considerados como enquadramento ou *framing*. Pode-se dizer, de forma simplificada, que se trata de como a mídia “rotula” determinados assuntos, ou como faz a cobertura de certos temas. “Ou seja, os *frames* são as idéias organizadoras centrais que indicam sentidos para os eventos relevantes e sugerem o que está em questão” (DANTAS, 2009, p.5).

Os estudos sobre enquadramento surgiram em 1974, com o sociólogo Erwin Goffman, que analisou os modos como os indivíduos organizam o conhecimento nas ações diárias. Para ele, a organização de conhecimento auxilia o público a separar os acontecimentos e informações dentro de determinados enfoques, os enquadramentos, que são tidos como conceitos comuns, fundamentados na cultura. “Os enquadramentos, para Goffman, são quadros de referência geral, construídos socialmente, que são acionados pelas pessoas para dar sentido aos eventos e às situações sociais” (DANTAS, 2009, p.3).

Goffman preocupa-se, principalmente, com o enquadramento feito pela audiência, ou seja, como o público recebe e interpreta as informações vindas da mídia. Segundo o autor, para entender este processo é preciso invocar o “esquema de interpretação” que permite os indivíduos “localizar, perceber, identificar e etiquetar” as informações ao seu redor. (GOFFMAN, 1974 apud COLLING, 2001, p. 96). Defende que por mais que as

notícias sejam estruturadas de uma maneira pré estabelecida, com *lead* e pirâmide invertida, os leitores, baseados em seus conhecimentos e ideias vão ler e interpretar os fatos a sua maneira, de acordo com seus pontos de vista.

Anos após os estudos de Goffman, Robert Entman (1993) retoma as pesquisas sobre o tema, com o foco de sua análise, não mais na audiência, mas no enquadramento feito pelos meios de comunicação e como o texto é estruturado para atingir a audiência. O autor define o enquadramento como sendo o processo de seleção e hierarquização de fatos, realizado pelos jornalistas. Para ele, enquadrar é ressaltar alguns fatos no texto, torná-los mais visíveis. Entman explica que “os *frames* selecionam e chamam a atenção para aspectos particulares da realidade descrita, o que significa que, simultaneamente, eles tiram a atenção de outros aspectos.” (ENTMAN, 1993 apud DANTAS, 2009, p.4), ou seja, tirando a atenção do público de alguns fatos, o jornalista estaria escolhendo o que o leitor deveria saber ou não.

Desse modo, Entman (1993) sugere que é possível identificar o enquadramento de uma reportagem baseado em cinco elementos: palavras-chave, metáforas, conceitos, símbolos e imagens. Baseado na observação do texto, no modo como é feita sua construção, de como as palavras aparecem repetidas vezes para chamar atenção de um fato, de como as imagens estão dispostas, é possível perceber o enquadramento que foi dado.

Diferentemente do pensamento de Entman, que se preocupa principalmente com o conteúdo das mensagens, Gamson e Modigliani estudam o enquadramento com foco na interpretação das informações. “Os pesquisadores argumentam que o conteúdo midiático é repleto de dispositivos capazes de indicar rapidamente para a audiência uma certa embalagem do fato reportado” (GUTMANN, 2006, p.35). Através de metáforas, citações, exemplos, os jornalistas conseguem “criar” no leitor significados e pensamentos que a mídia deseja. É o que eles chamam de “pacotes interpretativos”, ou seja, a mídia como um grande formador de opinião e significados que leva os indivíduos a pensarem da mesma forma que ela.

De acordo com Anabela Carvalho (2000), é possível classificar os *frames* em três categorias. A primeira estaria relacionada aos enquadramentos pessoais de cada indivíduo e a maneira como entendem o mundo. “As informações fragmentárias que compõem a experiência social são significativamente organizadas a partir de esquemas de interpretação” (CARVALHO apud ANTUNES, 2009, p.87). A segunda classificação estaria relacionada com a estruturação do texto e destaques por alguns elementos considerados importantes. A terceira classificação é o *frame* como um modelo sociocultural de pensar

o mundo. Pode-se dizer também, que “os *frames* apareceriam assim como um resultado do conjunto de informações associadas a determinado tema que, segundo a hipótese, seria utilizado para ‘empacotar’ as histórias oferecidas pela mídia e interpretadas e discutidas pela audiência” (GUTMANN, 2006, p.46).

### **3 Favela, morro ou comunidade?**

As favelas no Brasil remontam uma história de pouco mais cem anos. Ao longo desse tempo, os moradores dessas comunidades formaram uma imagem que, na maioria das vezes, é estereotipada. Segundo o IBGE (2010), favela é um aglomerado subnormal (favelas e similares). Trata-se de um conjunto constituído de no mínimo 51 unidades habitacionais, ocupando ou tendo ocupado até período recente, terreno de propriedade alheia (pública ou particular) dispostas, em geral, de forma desordenada e densa, bem como carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais.

Licia Valladares (2000) nos traz, porém, outra construção social do termo favela, que estaria ligada ao mito de Canudos trazido pelo autor Euclides da Cunha em uma de suas obras mais famosas, “Os Sertões”.

Uma história está ligada à outra, pois foram ex-combatentes da Guerra de Canudos que se instalaram no morro da Providência, a partir daí denominado morro da Favella. São duas as explicações para essa mudança de nome: primeiro, a existência neste morro da mesma vegetação que cobria o morro da Favella do Município de Monte Santo, na Bahia; segundo, o papel representado nessa guerra pelo morro da Favella de Monte Santo, cuja feroz resistência retardou o avanço final do exército da República sobre o arraial de Canudos. Se, no primeiro caso, a explicação está baseada numa similitude *tout court*, no segundo, a denominação morro da Favella vem revestida de um forte conteúdo simbólico que remete à resistência, à luta dos oprimidos contra um oponente forte e dominador. (VALLADARES, 2000, p. 9)

Observa-se que a análise acima descrita também legitima o termo “morro”, que antigamente era relacionado automaticamente às favelas do Rio de Janeiro. A história do arraial de Canudos nos remete a uma organização social em que o trabalho coletivo e a propriedade coletiva constituíam as principais características daquele local com peculiaridades climáticas e outras difíceis condições de vida. Às favelas, assim, é concebido o aspecto de comunidade pela semelhança com Canudos, atribuída pelos observadores dos espaços de extrema pobreza que surgiam nas grandes cidades. Assim como o arraial, nas favelas as pessoas tinham certas liberdades e passaram a morar num espaço or-



ganizado que confrontava a moralidade e a ordem social do restante da cidade. Pode-se associar aí a dicotomia morro-asfalto criada a partir do imaginário social, que adota uma imagem de exclusão da favela ao restante da cidade – que se compara também à dualidade litoral-sertão presente na obra de Euclides da Cunha. Com o passar do tempo, os estigmas ligados às favelas (desorganização, pobreza, marginalidade) tornam-se cada vez mais depreciativos, principalmente, com a ascensão do tráfico de drogas nesses espaços. A criminalidade, então, também é automaticamente associada ao comportamento dos moradores. Esta generalização leva a outro uso do termo “comunidade” para representar as favelas, conforme Letícia de Luna Freire:

Visando amenizar esse estigma, a categoria “comunidade” parece evocar, tanto para os representantes do poder público quanto para os moradores diretamente atingidos pelo processo de estigmatização, uma alternativa simbólica viável. (FREIRE, 2008, p.109)

A existência de diversos sinônimos e definições para o termo “favela” torna-se subjetiva a partir da visão de cada pessoa. Sabe-se hoje que, o conceito é flexível e mutável, abrangendo outras áreas do conhecimento humano e social, tornando mais complexa a definição do termo.

No consenso popular, as favelas são vistas como algo à margem da sociedade e um grande problema social, sem considerar que elas fazem parte do todo, integrando tanto os seus cidadãos como os outros habitantes da cidade e como tal, tem suas lutas, seus deveres e seus direitos.

As favelas são o resultado da persistência de uma parcela da população colocada à margem da sociedade para se estabelecer como cidadãos: no sentido estrito da palavra, como habitantes da cidade e, no sentido lato, como parte estimada de uma coletividade e de uma comunidade política com direitos e deveres. (CRUZ, 2007, p.78)

Nem sempre o morador da favela é visto como um cidadão que pode exercer a sua cidadania, pois muitas vezes, não tem voz na coletividade, uma das prerrogativas da mesma. A mídia tenta ser esta voz, mas muitas vezes distorce ou carrega consigo todos os preconceitos existentes, como pode ser observado nas matérias analisadas. Ao tentarem ser estes mediadores e formadores de opinião, os autores das matérias utilizam-se de termos, expressões e até mesmo de imagens que refletem pensamentos próprios ou do veículo a que ele está ligado e, conseqüentemente, levam o leitor a uma interpretação, de certa forma, já consolidada.

#### 4 Discursos da Mídia

A análise das matérias das revistas *Época*, *Istoé* e *Veja* dos anos de 2006 a 2008, permite identificar algumas características comuns nas abordagens utilizadas e que podem ser enquadradas em cinco diferentes discursos sobre a favela. Estes discursos, segundo Cruz (2007) podem ser classificados em: discurso da violência e do tráfico, da falta e da carência, da chaga social, do idílio e da diversidade.

No primeiro deles, o *discurso da violência e do tráfico*, o crime e o tráfico ganham uma super valorização, sendo um dos tipos de discurso mais recorrentes. Geralmente traz a visão estereotipada que relaciona o morador da favela ao crime e a ilegalidade. As favelas são vistas como locais de desordem, zonas de guerra dominadas pelos traficantes, onde os não moradores não são bem vindos.

Isto pode ser observado na matéria “Rio, cidade aberta”, da qual destacamos o parágrafo abaixo.

O tráfico de drogas assumiu uma dimensão superlativa no Rio de Janeiro. Instalado em pelo menos 300 das 752 favelas cariocas, ele se disseminou de tal forma que abalou não apenas a imagem da cidade – povoada por traficantes que se movimentam pelas ruas com armas de uso militar em punho – como a vida de seus habitantes. A rotina da cidade é frequentemente conturbada por tiroteios entre facções ou pelo confronto violento de policiais com bandidos.<sup>6</sup>

Ao longo do texto, o autor descreve várias favelas com uma visão pessimista e negativa dos locais, como principais centros geradores de violência, criminalidade e tráfico. Fornece números, tabelas, gráficos e fotos, como forma de materializar e quantificar informações, possibilitando maior visualização do conteúdo. Os números em destaque, além de chamarem a atenção do leitor, transmitem a dimensão e o peso que o autor quer dar às suas informações.

Outro aspecto de relevância é a linguagem utilizada em alguns trechos da matéria, principalmente nas legendas das fotos. Em uma das legendas analisadas, pode-se ler “na trincheira das vielas - ruas inescrutáveis e "soldados" armados de fuzis: a fortaleza do tráfico”, As palavras “trincheira”, “soldados”, “fortaleza”, nos remetem a um constante ambiente de guerra, mostrando-nos o cotidiano de uma favela visto sob a perspectiva bélica do autor da matéria. Em outra legenda, “mercadão da droga - a Rocinha é uma das 300 favelas cariocas, de um total de 752, em que o tráfico se instalou com todos os

---

<sup>6</sup> Fragmento retirado da matéria “Rio, cidade aberta”, da Revista *Veja*, edição 1990, de 10 de janeiro de 2007. Disponível em: <[http://veja.abril.com.br/100107/p\\_050.html](http://veja.abril.com.br/100107/p_050.html)> , acesso em: 17 de abril de 2012.

seus tentáculos” abaixo de uma foto panorâmica do Rio de Janeiro, e que mostra a favela alastrada no morro, a palavra “tentáculos” reforça a ideia do poderio e alcance do tráfico, dando a entender que ele já tomou conta de toda a cidade.

Já na matéria “Edna Ezequiel, mãe da menina de 11 anos morta por uma bala perdida no Rio de Janeiro” nota-se o enquadramento no discurso *da falta e da carência*, quando o autor descreve a favela como um local com falta de estrutura nos níveis econômico, social e político, relata que a maioria das pessoas está desempregada ou abaixo da linha da miséria. Não há boas escolas, a saúde é precária, ou seja, a cidadania para o morador da comunidade inexistente. Como pode ser observado no fragmento da reportagem:

A casa azul em que está escrito paz com letras brancas é a última do Morro dos Macacos em Vila Izabel, zona norte do Rio de Janeiro. Ali, como em todos os morros da cidade, quem fica no topo está abaixo de todos. Quanto mais longe do asfalto, menos vale o barraco. A casa de Edna Ezequiel é a mais pobre entre as pobres. Ela recebe de bermuda vermelha e top listrado, anda com o mesmo olhar perdido, indignado e desesperançosa que estampou à primeira página dos principais jornais do país na terça-feira, um dia depois que sua filha Alana, de 11 anos foi morta por uma bala perdida. “Não existe bala perdida. A bala só é perdida quando não acerta ninguém. Aquela bala fez o que foi feita para fazer”, diz com uma eloquência inesperada para quem é analfabeto. Edna estudou apenas até a 2ª série e orgulha-se de seus filhos irem para a escola. No enterro, quando lhe perguntaram qual era o sonho de sua filha, Edna também respondera com uma frase forte “Quem mora no morro não tem sonho.” Depois, descobriu que isto não era verdade. Na quinta-feira, Edna me mostrou o caderno escolar da filha. Numa das suas redações, Alana dizia ter o sonho de virar cantora. “Nem os sonhos dela eu pude saber por que ela não era de falar”, diz. “Ela vivia escrevendo. Só que eu não sei ler.”<sup>7</sup>

No primeiro parágrafo, o autor já contextualiza e ambienta pela descrição contundente do local onde os fatos ocorreram. Logo no início do texto, ele utiliza a palavra “paz”, que confronta todos os acontecimentos relatados na sequência. Os termos utilizados apelam para o emocional do leitor, como pode ser visto na frase: “A casa de Edna Ezequiel é a mais pobre entre as pobres”. A linguagem também traz à tona todo o sofrimento, a pobreza e a ignorância, de uma moradora de favelas, ilustrada pelas palavras da própria Edna: “Quem mora no morro não tem sonho”. Apesar disso, Alana tinha um sonho: tornar-se cantora. Muitos jovens em situação parecida “alimentam” estes sonhos de se tornarem cantores, jogadores, artistas como forma de transformar a realidade vivida.

<sup>7</sup> Fragmento retirado da matéria “Edna Ezequiel, mãe da menina de 11 anos morta por uma bala perdida no Rio de Janeiro”, da Revista Época de 10 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI56478-15223,00-EDNA+EZEQUIEL+MAE+DA+MENINA+DE+ANOS+MORTA+POR+UMA+BALA+PERDIDA+NO+RIO+DE+JA.html>> , acesso em: 17 de abril de 2012.

A foto principal (figura 1) já traduz a condição de tristeza, miséria, desconsolo, desesperança e por si só, já leva a compreender o conteúdo da reportagem. O destaque é para o rosto da mãe, com os olhos vermelhos, lágrimas escorrendo, mais uma vez apelando para a emoção do leitor.



A DOR  
Edna Ezequiel, no dia em que sua  
filha de  
11 anos foi morta por uma bala  
perdida

Figura 1: A imagem reforçando o conteúdo  
Fonte: Revista Época 10/09/2008

Na matéria “Salvem o cartão-postal”, pode-se reconhecer o *discurso da chaga social*. Neste tipo de discurso as favelas aparecem como um problema social, algo “incômodo” ao espaço dito urbano e que deve ser eliminado. Nesta matéria, o autor não utilizou nenhum tipo de palavras ou metáfora para disfarçar o preconceito generalizado, em que há divisão entre áreas ricas e pobres, asfalto e morro, e que para sobrevivência dos primeiros, há que se tomar atitudes extremas de eliminar os segundos.

As palavras utilizadas no título e subtítulo denotam este preconceito, incitando a ideia de que as favelas são uma ameaça e devem ser eliminadas.



Figura 2: Título da matéria

Fonte: Revista Veja, 2007, edição 2040

Aqui aparece a dicotomia asfalto x morro, como se pudéssemos extirpar parte da população para que os problemas da cidade sejam resolvidos, como pode ser observado na frase:

É preciso que a favelização do Morro Dois Irmãos seja interrompida imediatamente. E que os barracos já erguidos sejam demolidos quanto antes. A prefeitura tem, sim, meios legais para fazê-lo. Entre eles, aqueles que regulam o uso do solo, a fiscalização de construções e a conservação de reservas ambientais.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>Fragmento retirado da matéria “Salvem o cartão-postal”, da Revista Veja, edição 2040 de 26 de dezembro de 2007. Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/261207/p\\_052.shtml](http://veja.abril.com.br/261207/p_052.shtml)>, acesso em: 17 de abril de 2012.



Não houve por parte do autor ou do editor da matéria nenhuma preocupação em esconder a interpretação preconceituosa do fato: “permitir que os barracos dominem a paisagem do Leblon é um crime monstruoso. Mexam-se, cariocas, salvem o que é seu!”.<sup>9</sup> A montagem sobre a foto e as legendas serve para reforçar a argumentação do autor neste sentido. Assim como a matéria cria uma estratégia de convencimento através do impacto visual.



Figura 3: Foto original e montagem  
Fonte: Revista Veja, 2007, edição 2040

No enquadramento do *discurso do idílio*, que trata a favela como um lugar bom de se viver, onde as pessoas são amigas e solidárias pela própria situação em que vivem, também é mostrado o lado “romântico”, as origens do samba, do carnaval, e o berço de várias manifestações culturais como o *rap*, o *funk*, o *hip hop*, como características positivas. Também neste enquadramento aparecem várias matérias que trazem projetos de arte, cultura e esporte como forma de transformação de vida.

<sup>9</sup> Fragmento retirado da matéria “Salvem o cartão-postal”, da Revista Veja, edição 2040 de 26 de dezembro de 2007. Disponível em: < [http://veja.abril.com.br/261207/p\\_052.shtml](http://veja.abril.com.br/261207/p_052.shtml)>, acesso em: 17 de abril de 2012.

Na matéria “Mulherada de respeito”, observa-se a glamourização de personagens oriundos das favelas e a valorização da sua contribuição para os meios culturais, mostrando o lado positivo das comunidades. No parágrafo destacado abaixo, o autor parafraseia Vinicius de Moraes, com a canção Garota de Ipanema, também como forma de valorização dessas mulheres.

### **Mulherada de respeito**

Em raps funks, filmes e séries de TV, cantoras da periferia ganham espaço e invadem a cena cultural. Elas não são a coisa mais linda – estão fora do que é considerado o padrão de beleza-, mas são cheias de graça. Seu doce bálano não é a caminho do mar, e sim muitas vezes num ônibus lotado rumo a algum bairro de classe baixa dos subúrbios das grandes cidades brasileiras. Nas boates, nos cinemas e na televisão, as estrelas da hora são as moças da periferia. Mulheres como Deise Tigrona: há dois anos, ela trabalhava como doméstica; agora, segue para uma turnê pela Europa. Ou Negra Li, a rapper nascida na Vila Brasilândia, São Paulo, que ruma para seu segundo CD, com direito a letras de Caetano Veloso. Acabando com a hegemonia masculina de cantores como Mano Brown, MV Bill, Xis ou Rappin’Hood, e cada uma a seu estilo, elas são a novidade do panorama cultural.<sup>10</sup>

O autor mostra essas mulheres como vitoriosas contra o preconceito e, embora não haja consenso sobre a qualidade destas manifestações culturais e sobre as letras das músicas, elas são consideradas exemplo para os demais. Através da vida artística conseguem ascensão social e passam a ser respeitadas no seu meio. Desejo de muitos moradores das favelas.

Antropologicamente, a favela é vista como uma mistura de etnias e, no imaginário popular, é representativa do povo brasileiro. No *discurso da diversidade*, não se encontra um tipo padrão, mas uma comunidade formada não só por etnias diferentes, mas por padrões de vida, de educação e de moral diferenciadas, convivendo lado a lado. Como exemplo disso, a matéria “A nova cara da Rocinha” relata a história de uma menina que está fazendo 7 anos e tem sua festa na laje de casa, o que para a comunidade já é demonstrativo de um padrão de vida melhor, convivendo lado a lado com falta de saneamento básico, tiroteio e pobreza.

É desmistificado também o pensamento de que quem mora na favela são somente pessoas extremamente pobres, sem cultura e educação, além de traficantes. Mais de uma vez, o autor esclarece que os traficantes são a minoria, as pessoas são trabalhadoras, honestas e as crianças estudam. Entretanto, os traficantes existem e convivem lado a lado com os moradores. Este fato é resumido pelo arquiteto Luiz Carlos Toledo do es-

---

<sup>10</sup> Fragmento retirado da matéria “Mulherada de respeito”, da Revista Época de 16 de janeiro de 2006. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,,EPT1106781-1661,00.html>>, acesso em 17 de abril de 2012.

critório MT, responsável pelo projeto de urbanização da Rocinha, que também destaca a diversidade na favela:

Não existe um degrau igual ao outro. Quando encontro dois parecidos, mando fotografar. Isto vale também para as pessoas. Não existe um perfil de morador. Ele varia de indigente à classe média, de analfabeto a universitário, de honesto, pacífico, religioso e trabalhador a bandido. Esta última categoria é uma porcentagem pequena da comunidade, mas têm poder, armas e dinheiro. Por isso, impõe medo e respeito.<sup>11</sup>

Na matéria, há um equilíbrio de pontos positivos e negativos sobre a favela. O autor consegue mostrar a diversidade existente, o convívio de todas as nuances lado a lado. Além disso, a maneira como o texto foi escrito, os números comparativos, as fotos e os exemplos citados, dão maior ênfase à visão positiva e esperançosa da comunidade.

## **5 Jornalismo e responsabilidade comunicacional**

O tema da pesquisa, relacionado à análise de discurso e ao enquadramento, torna-se relevante para os profissionais da área de jornalismo quando os colocam como grandes responsáveis nos processos de comunicação, pela condução e interpretação das mensagens. Entre todas as mídias, a mídia impressa é a que possibilita ao receptor maior reflexão e leitura para concordar ou não com o que é exposto. Deste modo, os profissionais também devem pensar sobre a sua responsabilidade de informar e formar opiniões nos leitores. Neste sentido, também devemos lembrar que a mídia construiu, ao longo de seu desenvolvimento, a visão de que representa o quarto poder político brasileiro. Assim, a função social do jornalista requer um aprofundamento do que é mostrado superficialmente (até mesmo pelas autoridades e outras fontes consideradas “oficiais”), sempre respeitando o caráter ético que suas produções devem ter.

Com o intuito de demonstrar a mudança dos perfis profissionais nas redações jornalísticas a partir da década de 70, as autoras Silvia Ramos e Anabela Paiva (2007) fazem uma análise que acaba refletindo sobre o atual modo de enquadrar as questões do tráfico e da criminalidade quando se referem às favelas.

“Os novos jornalistas são pessoas que conseguiram concluir o curso superior e, portanto, pertencem na maioria à classe média. Iniciam-se na vida profissional tecnicamente mais bem preparados. Por outro lado, trazem pouca ou nenhuma experiência relacionada ao cotidiano dos moradores de favelas e periferias.” (RAMOS e PAIVA, 2007, p. 78)

---

<sup>11</sup> Fragmento retirado da matéria “A nova cara da Rocinha”, da Revista Época de 10 de agosto de 2008. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI57809-15228,00.html>>, acesso em: 17 de abril de 2012.

Isso fez com que os jornais se distanciassem, gradativamente, dos locais e das coberturas de eventos mais populares, uma vez que não mais tinham acesso nas comunidades. Além dessa questão, sabemos que os interesses das grandes empresas é noticiar e atingir o público leitor ao qual está ligado. Com base nisso, justifica-se porque um assassinato cometido num bairro nobre da cidade do Rio tem mais visibilidade do que um crime ocorrido na favela. Percebemos que os casos de violência e criminalidade que se dão nas favelas são publicados, em sua maioria, relacionados ao tráfico de drogas – o que acaba repercutindo como se apenas os “chefões do tráfico” fossem responsáveis por todos os crimes que amedrontam as classes mais ricas. Esta visão também limita a discussão sobre as drogas quanto à questão da proibição e criminalização, já que parece ser esquecido, muitas vezes, o quanto as pessoas que não moram na favela financiam esta rede de negócios. A culpa é dos traficantes e dos pobres que não têm as mesmas oportunidades de uma pessoa que já nasceu com mais recursos. Até este discurso um pouco mais humanizado não explora a raiz do problema, não procura soluções concretas que são deveres do Estado. A mídia atual polariza a discussão: ou os pobres são tratados como culpados dos crimes e males que existem no Brasil, ou eles podem ascender socialmente a partir de um projeto que envolva esporte, música e arte. Há pouquíssimos relatos do cotidiano na favela, de como aqueles cidadãos se comportam e quais atividades praticam. Outro fator que pode ser relacionado a pouca vinculação dessa perspectiva é o caso de a imprensa ser mal recebida nas comunidades. Esse exemplo, entretanto, também evidencia que a população cansou de ser procurada pela mídia somente quando acontecem os “casos de polícia” – presentes com frequência nos jornais de todo o país.

## **6 Análise de dados**

A coleta de material para a análise foi feita em três revistas de circulação nacional, *Época*, *Istoé*, e *Veja*, nos anos de 2006, 2007 e 2008. Escolheu-se este tipo de mídia impressa pelo seu amplo alcance. Segundo levantamento realizado pelo instituto Pró-Livro, revista é o tipo de mídia mais consumida.

No quadro 1, apresenta-se o número de matérias selecionadas em cada revista, classificando-as de acordo com o tipo de discurso. Desta forma, será possível quantificar a incidência de cada um deles, e observar qual o tipo de discurso mais utilizado pela revista para enquadrar temas relacionados à favela.

Discursos Revistas	Discurso da violência e do tráfico	Discurso da falta e da carência	Discurso da chaga social	Discurso do idílio	Discurso da diversidade
Época	12	2	-	8	1
Istoé	7	-	-	2	-
Veja	10	-	1	2	1
<b>Total</b>	<b>29</b>	<b>2</b>	<b>1</b>	<b>12</b>	<b>2</b>

Quadro 1 – Matérias selecionadas por revista  
Fonte: Elaborado pelas autoras

Observa-se que o discurso midiático mais ligado às representações das favelas do Rio de Janeiro aborda as questões do tráfico de drogas e da criminalidade. A partir da construção histórico-dialética entre a mídia e a sociedade, de que os marginalizados não teriam a mesma ascensão econômico-social do restante dos moradores dos grandes centros, a atividade do tráfico e sua criminalização começaram a aparecer como principal ação desenvolvida nas comunidades.

Constata-se, cada vez mais, que a violência ligada ao tráfico de drogas aterroriza grande parte da população e, paralelamente, está presente nos noticiários. Assim, a relação observada na mídia é de que a pobreza e a desigualdade social são as causas da criminalidade. Alba Zaluar (2002) por sua vez, desmistifica o pensamento de que somente as classes média e média-alta sofrem com os ataques e crimes cometidos pelos cidadãos das favelas.

Há uma redução da complexa argumentação para o primado do *homo economicus*, comandado exclusivamente pela lógica mercantil do ganho e da necessidade material. Essa é uma das dimensões a serem consideradas, mas de fato explica a ambição de enriquecer de todos, sem importar o nível de sua renda e a sua origem social. Estudos recentes mostram que os pobres são as maiores vítimas de furtos, roubos e assassinatos, estes últimos nos locais onde o tráfico de drogas domina e não há policiamento que proteja a população. (ZALUAR, 2002, p. 19).

Hoje, o termo criminal e suas variações já parecem disseminados na linguagem cotidiana. O que se sabe, concretamente, é que a mídia e os grupos que são representados por ela utilizam-se de discursos e enquadramentos discriminatórios e preconceituosos. Generaliza-se, assim, o espaço físico e social da favela a partir de sua aparição na mídia e, conseqüentemente, do imaginário social incentivado pelos próprios meios de comunicação em massa. Essa realidade se reflete nas matérias analisadas.

## **7 Considerações finais**

A criminologia passa a ser vista, cada vez mais, como um produto, e a mídia alimenta a causa da criminalidade focada na posição individual de quem cometeu o crime, sem debater a questão social que existe a partir do tráfico que incide no aumento da violência na cidade do Rio de Janeiro. Assim, a favela e o tráfico passam a ser enxergados em uma realidade quase paralela ao restante da cidade.

Discutem-se políticas públicas e o aumento da segurança sem o questionamento sobre o envolvimento das pessoas que organizam e que vivenciam o tráfico de drogas. A desigualdade social, tão culpabilizada da existência de crimes e violência nos grandes centros, é quantificada e sua erradicação aparece como um alarde aos governos para a promoção da paz e do fim do crime organizado ligado às drogas. Percebe-se um discurso dicotômico que, na maioria das vezes, aparece nas matérias – de que a polícia irá pacificar determinado morro e as pessoas terão condições mais dignas de vida e estarão livres da atividade do tráfico naquela comunidade.

Esta visão hegemônica exclui a experiência das pessoas que vivem naquela área de risco e de constantes conflitos entre possíveis organizações do tráfico. Considerando a pesquisa realizada nas revistas, *Época*, *Istoé*, e *Veja*, constatou-se que há o emprego de diversos discursos para o enquadramento dado às publicações sobre as favelas do Rio de Janeiro. Estas visões, porém, ressaltam o caráter dicotômico e formal que se construiu na mídia, a partir do desenvolvimento do jornalismo brasileiro. O bem versus o mal, o negro e o pobre versus o branco e o rico são exemplos de pré-conceitos encontrados nas matérias. Percebe-se, atualmente, que o jornalista tem menos autonomia para expor uma história (ou uma matéria) que enquadre o cotidiano e a vida na favela sob um viés alternativo. As fortes ligações com as agências de notícias e com as redações das empresas destacam, cada vez mais, a importância de os profissionais se reconhecerem como sujeitos históricos da nossa sociedade, capazes de transformar e oferecer discussões qualitativas sobre os temas que reportam – o que ressalta a responsabilidade que a mídia tem de informar e contribuir com as opiniões de seus espectadores.



## Referências

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

BARBOSA, Jorge Luiz; SILVA, Jailson de Souza. **Favela: alegria e dor na cidade**. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

BATISTA, Vera Malaguti. Criminologia e Política Criminal. **Revista Passagens**, Rio de Janeiro: vol. 1. n.2, julho/dezembro 2009, p. 20-39. Disponível em <<http://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v1n2a22009.pdf>> Acesso em 13 de abril de 2012.

COLLING, Leandro. Agenda-setting e framing: reafirmando os efeitos limitados. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre: UFRGS, n. 14, abril 2001.

CRUZ, Márcia Maria da. Vozes da favela: representação, identidade e disputas discursivas no ciberespaço. **Stockholm Review of Latin American Studies**, Passando dos limites? Mídia e transgressão – Casos brasileiros, v.2, p.77-91, novembro, 2007. Disponível em: <[http://www.lai.su.se/gallery/bilagor/SRoLAS\\_No2\\_2007.pdf](http://www.lai.su.se/gallery/bilagor/SRoLAS_No2_2007.pdf)> Acesso em: 17 de abril de 2012.

DANTAS, Marcela. VIMIEIRO, Ana Carolina. Entre o explícito e o implícito: proposta para a análise de enquadramentos da mídia. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v.5 n.2, dez. 2009.

FREIRE, L. L. . Favela, bairro ou comunidade? Quando uma política urbana torna-se uma política de significados. **Revista Dilemas**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 1, n. 2, p. 95-114, novembro 2008. Disponível em <<http://revistadil.dominiotemporario.com/doc/Dilemas2Art4.pdf>> Acesso em 14 de abril de 2012.

GUTMANN, Juliana Freire. Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda- setting? **Revista Contemporânea**, Bahia: UFBA, V.4 n.1 p.25-50, Junho 2006.

IBGE. Censo Demográfico 2010 – **Aglomerados Subnormais: primeiros resultados**. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados\\_subnormais/agsn2010.pdf](http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/aglomerados_subnormais/agsn2010.pdf)>, acesso em: 17 de abril de 2012.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Enquadramentos Lúdico Dramáticos no Jornalismo: mapas culturais para organizar conflitos políticos. **Revista Intexto**, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 17, p. 1-25, julho/dezembro 2007.

PAIVA, Anabela; RAMOS, Silvia. **Mídia e Violência: Tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: Iuperj, 2007.

VALLADARES, Licia. A gênese da favela carioca: a produção anterior às ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: vol. 15, n. 44, p. 5-34, outubro 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v15n44/4145.pdf>> Acesso em 14 de abril de 2012.

ZALUAR, Alba. **Oito temas para debate: violência e segurança pública**. Revista Sociologia, Problemas e Práticas. Lisboa: CIES - Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, n.38, p.19-24, maio 2002. Disponível em <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n38/n38a02.pdf>> Acesso em 13 de abril de 2012.